

A maneira de ser do CER – Centro Especializado em Reabilitação

The way of being of CER – Specialized Rehabilitation Center

Deice Joceliane Pomblum¹, Emília Nunes Rodrigues², Emiliane Martins dos Santos³, Marcilene de Assis Alves de Araujo⁴, Jussara Resende Costa⁵, Cláudia da Luz Carvelli⁶, Edna Maria Cruz Pinho⁷, Vinicius Lopes Marinho⁸.

RESUMO

O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar reflexões e aprendizagens decorrentes da participação direta no projeto “A Maneira de Ser do CER”, desenvolvido em um Centro Especializado em Reabilitação (CER). A proposta surgiu da necessidade de promover espaços de diálogo e escuta sensível entre profissionais e famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), reconhecendo o papel central das relações afetivas e da corresponsabilidade no processo terapêutico e educacional. O relato descreve as etapas de planejamento, execução e avaliação da intervenção, que se estruturou por meio de rodas de conversa, dinâmicas interativas, recursos visuais e momentos de reflexão coletiva. Apoiada em referenciais teóricos de Paulo Freire, Maria Teresa Mantoan e outros autores da educação inclusiva, esta experiência evidenciou que a escuta, o acolhimento e o vínculo são elementos transformadores das práticas institucionais, promovendo uma maior compreensão sobre o ser e o conviver com a diferença. A partir da vivência, foi possível reafirmar que o cuidado humanizado e o diálogo são caminhos fundamentais para a efetivação de uma inclusão genuína e participativa.

Palavras-chave: educação social, intervenção socioeducativa, Centro Especializado em Reabilitação, inclusão

ABSTRACT

This experience report aims to share reflections and learnings derived from direct participation in the project “The Way of Being of the CER”, developed at a Specialized Rehabilitation Center (CER). The initiative emerged from the need to create spaces for dialogue and sensitive listening between professionals and families of children with autism spectrum disorder (ASD), recognizing the central role of affective relationships and shared responsibility in the therapeutic and educational process. The report describes the stages of planning, implementation, and evaluation of the intervention, which was structured through conversation circles, interactive activities, visual resources, and moments of collective reflection. Grounded in the theoretical perspectives of Paulo Freire, Maria Teresa Mantoan, and other scholars of inclusive education, this experience highlighted that listening, empathy, and bonding are transformative elements of institutional practices, fostering a deeper understanding of being and living with difference. From this experience,

it was possible to reaffirm that humanized care and dialogue are essential paths toward achieving genuine and participatory inclusion.

Keywords: social education, socio-educational intervention, Specialized Rehabilitation Center, inclusion.

¹ Discente do Programa de Pós Graduação em Educação Social – PPGES. Universidade de Gurupi. Brasil.

² Discente do Programa de Pós Graduação em Educação Social – PPGES. Universidade de Gurupi. Brasil.

³ Discente do Programa de Pós Graduação em Educação Social – PPGES. Universidade de Gurupi. Brasil.

⁴Docente e Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Educação Social – PPGES da Universidade de Gurupi-UnirG. Brasil

E-mail: marcilenearaujo@unirg.edu.br

⁵Docente e Vice-coordenadora Programa de Pós Graduação em Educação Social – PPGES da Universidade de Gurupi -UnirG. Brasil

E-mail: jussara@unirg.edu.br

⁶Docente do Programa de Pós Graduação em Educação Social – PPGES da Universidade de Gurupi -UnirG. Brasil

E-mail: claudiacarvelli@unirg.edu.br

⁷Docente do Programa de Pós Graduação em Educação Social – PPGES da Universidade de Gurupi -UnirG. Brasil

E-mail: ednapinho@unirg.edu.br

⁸Docente do Programa de Pós Graduação em Educação Social – PPGES da Universidade de Gurupi -UnirG. Brasil

E-mail: viniciusmarinho@unirg.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A experiência relatada neste artigo foi vivida em um Centro Especializado em Reabilitação (CER), espaço que acolhe diariamente crianças, adolescentes e adultos com diferentes condições de desenvolvimento. O CER tem como objetivo principal oferecer atendimentos interdisciplinares nas áreas física, intelectual, auditiva e visual, promovendo a reabilitação e o fortalecimento da autonomia de cada sujeito atendido. Dentro dessa complexa e rica rede de cuidados, participamos de forma ativa do projeto “A Maneira de Ser do CER”, cuja proposta central era criar espaços dialógicos com famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A ideia do projeto surgiu a partir das observações cotidianas de que muitas famílias enfrentavam dificuldades em compreender o processo terapêutico e educacional de seus filhos. Notamos que, frequentemente, o foco das discussões recaía sobre o comportamento da criança, sem uma reflexão mais ampla sobre o contexto emocional, social e relacional que atravessa o cotidiano dessas famílias. A partir dessa percepção, sentimos a necessidade de construir um espaço de escuta e partilha, no qual pais, cuidadores e profissionais pudessem expressar suas vivências, dúvidas e angústias sem julgamentos.

A participação direta na elaboração e realização das atividades proporcionou às autoras não apenas uma compreensão mais profunda sobre as dinâmicas familiares, mas também uma oportunidade de repensar práticas pedagógicas e terapêuticas sob uma perspectiva mais humana, afetiva e dialógica. Ao longo do processo, percebemos que a intervenção não se limitava à troca de informações, mas se configurava como um ato de encontro, no sentido freireano do termo — um espaço em que todos aprendem e ensinam, na horizontalidade das relações.

Dessa forma, este relato busca compartilhar as reflexões construídas a partir dessa vivência, destacando os aspectos teóricos, metodológicos e afetivos que compuseram a intervenção. A escrita em primeira pessoa do plural traduz o nosso envolvimento direto e a dimensão subjetiva dessa experiência, na qual aprendemos que o cuidado só se efetiva quando atravessado pela escuta e pelo acolhimento.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A construção do projeto “A Maneira de Ser do CER” foi inspirada em princípios da educação dialógica e inclusiva, conforme propostos por Paulo Freire (1996). Para o autor, educar é um ato político e amoroso, que se realiza no diálogo e na escuta do outro. O diálogo, segundo Freire, é a essência da prática libertadora, pois permite a transformação

mútua entre os sujeitos. Essa perspectiva foi a base de toda a intervenção, na medida em que buscou criar um espaço de fala e escuta em que as famílias pudessem compreender o desenvolvimento de suas crianças a partir de uma postura crítica, empática e participativa.

Outro fundamento importante foi o pensamento de Maria Teresa Mantoan (2003), que comprehende a inclusão não apenas como um direito, mas como uma mudança de paradigma social e educacional. A autora enfatiza que incluir é reconhecer o outro em sua diferença, e não tentar normalizá-lo. Esse princípio norteou a forma como nos propomos a conduzir as rodas de conversa: não como alguém que ensina ou orienta, mas como alguém que aprende junto, compartilhando dúvidas, sentimentos e descobertas.

Também encontramos respaldo teórico nas reflexões de Costa (2001), que defende uma educação voltada para a sensibilidade, o afeto e o respeito às singularidades. A autora destaca que o processo educativo precisa acolher o sujeito integral, considerando não apenas suas capacidades cognitivas, mas também suas dimensões emocionais e relacionais. Essa perspectiva se mostrou essencial ao lidar com famílias que, muitas vezes, se sentiam exaustas, culpadas ou desamparadas diante dos desafios diários de cuidar de uma criança com autismo. A proposta de intervenção também dialogou com Cecílio (2017), ao tratar do conceito de cuidado ampliado no campo da saúde. Para o autor, o cuidado é uma construção compartilhada que envolve a escuta, o vínculo e o reconhecimento do outro como sujeito de direitos. Essa visão foi determinante para compreendermos que o trabalho no CER não se restringe à dimensão técnica, mas envolve o acolhimento humano e o apoio mútuo entre famílias e profissionais. Outros autores, como Souza e Fonseca (2021) e Silva e Ribeiro (2020), reforçam a importância da parceria entre escola, família e serviços de saúde para a promoção de uma inclusão efetiva. Eles destacam que a comunicação aberta e o diálogo contínuo entre esses espaços favorecem o desenvolvimento global da criança e fortalecem as redes de apoio. Nesse sentido, a intervenção realizada se constituiu como um exercício de corresponsabilidade, no qual todos, famílias, terapeutas e professores, foram convidados a pensar juntos os caminhos possíveis para o cuidado e a aprendizagem.

Por fim, Almeida e Souza (2019) contribuem para essa discussão ao evidenciar que o acolhimento é uma prática que ultrapassa a dimensão do atendimento. É um gesto ético, político e afetivo que humaniza as relações e transforma o cotidiano das instituições. Essa compreensão nos inspirou a conduzir o projeto com sensibilidade, buscando sempre equilibrar teoria e prática, técnica e emoção, razão e afeto.

3. METODOLOGIA

A intervenção intitulada “A Maneira de Ser do CER” foi planejada e executada no contexto do Centro Especializado em Reabilitação (CER), serviço integrante da rede pública de atenção à saúde. A proposta teve como público-alvo as famílias de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) que frequentavam atendimentos no espaço.

O planejamento foi construído de maneira coletiva, bem como a condução das ações descritas neste relato, com o apoio da equipe multiprofissional do serviço. O projeto teve duração de dois encontros, realizados em turnos matutino e vespertino, com aproximadamente 30 minutos de duração cada. Essa estrutura foi pensada para atender a maior parte das famílias, respeitando as limitações de horário e a rotina de terapias das crianças. Antes do início da atividade, obtivemos autorização da coordenação do campo e organizamos os recursos materiais e logísticos necessários para a execução.

O primeiro passo metodológico foi combinar com a equipe o melhor dia e horário para o desenvolvimento da ação, de modo a integrar o cronograma do serviço. Em seguida, elaboramos os instrumentos de apoio que seriam utilizados nas rodas de conversa, optando por uma linguagem visual e acessível, capaz de favorecer a compreensão e o envolvimento dos participantes. Foram produzidos um infográfico, que apresentava de forma sintética os principais aspectos do autismo, e um vídeo curto, com depoimentos e situações cotidianas sobre o convívio com pessoas autistas.

Durante o planejamento, buscamos adotar uma abordagem qualitativa e participativa, valorizando a experiência e a voz das famílias. Não havia um roteiro rígido de perguntas ou falas; a condução das rodas era flexível, pautada no diálogo e na escuta sensível. O principal objetivo era criar um espaço de acolhimento, no qual as famílias pudessem compartilhar suas vivências, dúvidas e emoções sem receio de julgamento.

Para registrar as observações, utilizamos um diário de campo reflexivo, no qual anotamos impressões, falas marcantes e aspectos que emergiram durante a intervenção. Essas anotações se tornaram fonte essencial para a análise e sistematização do relato.

4. O RELATO DA EXPERIÊNCIA

Ao analisar os resultados e as vivências proporcionadas pelo projeto “A Maneira de Ser do CER”, compreendemos que o espaço de diálogo criado com as famílias foi mais do que uma simples atividade institucional: foi um ato de resistência e humanização. Em meio à rotina técnica e, por vezes, mecanizada dos serviços de saúde e educação, a intervenção

devolveu centralidade à escuta e à palavra como instrumentos de cuidado. A experiência revelou que, quando as famílias são convidadas a falar e são escutadas com respeito, ocorre uma ressignificação do vínculo com o serviço. As falas demonstraram que o acolhimento e o reconhecimento de suas dificuldades são fatores que diminuem a sensação de isolamento e fortalecem a confiança na equipe. Essa constatação dialoga com as ideias de Cecílio (2017), que entende o cuidado como uma construção coletiva e compartilhada, onde o vínculo é tão essencial quanto o conhecimento técnico.

Outro aspecto importante foi a constatação de que a inclusão não se limita a estar presente em um espaço, mas envolve o sentimento de pertencimento e reconhecimento. Como discute Mantoan (2003), a inclusão implica desconstruir modelos rígidos de normalidade e compreender que cada sujeito tem uma maneira própria de existir e aprender. Ao observar as falas das famílias, percebemos o quanto essa perspectiva ainda precisa ser ampliada dentro das instituições: muitas delas relataram experiências de exclusão velada nas escolas e na sociedade, nas quais seus filhos eram tolerados, mas não efetivamente acolhidos.

Nesse sentido, a vivência também nos levou a refletir sobre a formação dos profissionais que atuam com o público autista. Conforme destacam Souza e Fonseca (2021), a falta de preparo técnico e emocional pode gerar práticas que, ainda que bem-intencionadas, acabam reforçando estigmas. Durante as rodas de conversa, percebemos o quanto é necessário investir em momentos de formação que abordem não apenas o aspecto clínico do autismo, mas também o aspecto humano — o olhar para a família, o manejo do afeto, a escuta empática e o reconhecimento do sofrimento. Outra contribuição significativa foi compreender o potencial do trabalho interdisciplinar dentro do CER. A experiência evidenciou que a articulação entre terapeutas, professores, assistentes sociais e psicólogos permite um olhar mais integral sobre a criança e sua família. Cada profissional traz um saber específico, mas é no encontro entre esses saberes que o cuidado se torna realmente completo. Essa concepção dialoga com Costa (2001), que propõe uma educação para a sensibilidade, na qual o conhecimento técnico não se dissocia do humano.

Também percebemos, com base nas reflexões de Freire (1996), que o diálogo é, em si, um processo educativo. Nas rodas de conversa, todos — inclusive nós — fomos educados e educadores simultaneamente. A cada fala, aprendemos a perceber o mundo sob novas perspectivas, a compreender que a dor do outro também é uma forma de conhecimento e que o ato de escutar é uma das expressões mais profundas do amor pedagógico. Essa compreensão ampliada do cuidado e da educação inclusiva reforçou em

nós o compromisso ético de continuar promovendo espaços de fala e escuta nas instituições onde atuo. O projeto nos mostrou que a transformação não ocorre apenas nas políticas públicas ou nas grandes reformas estruturais, mas também nos pequenos gestos do cotidiano: no modo como olhamos, acolhemos e respeitamos o outro em sua diferença.

Por fim, reconhecemos que o projeto também foi um exercício de autoconhecimento profissional. Ao mediar as rodas de conversa, vivemos intensamente emoções, dúvidas e aprendizagens que nos tornaram mais sensíveis e conscientes do nosso papel. Aprendemos que ser educadora e profissional do cuidado exige estar disposta a se afetar, a duvidar e a reconstruir saberes constantemente. Essa abertura é o que mantém viva a esperança de uma educação verdadeiramente inclusiva e humana.



5. CONCLUSÃO

Concluir esta experiência é, de certo modo, recomeçá-la. O projeto “A Maneira de Ser do CER” deixou marcas profundas em nossas trajetórias pessoal e profissional. Pudemos compreender, na prática, que a inclusão não se efetiva apenas pela presença de políticas ou pela oferta de serviços especializados, mas pela atitude ética do acolhimento e da escuta. As rodas de conversa mostraram que, quando as famílias encontram um espaço para expressar suas dores e conquistas, o cuidado se torna mais leve, compartilhado e transformador. As falas emocionadas das mães, a troca de olhares e os silêncios cheios de significados revelaram que o vínculo é o verdadeiro alicerce de qualquer processo educativo e terapêutico.

Do ponto de vista institucional, a intervenção contribuiu para fortalecer a relação entre o CER e as famílias, além de provocar reflexões na equipe sobre a importância de se

trabalhar de forma interdisciplinar e humanizada. A prática evidenciou que o diálogo é um caminho potente de formação, tanto para os profissionais quanto para os usuários do serviço. Do ponto de vista pessoal, vivenciar essa experiência nos fez repensar o nosso próprio modo de atuar. Percebemos que a escuta é uma forma de cuidado e que, muitas vezes, o simples ato de estar presente com atenção e empatia pode fazer mais diferença do que uma explicação técnica. Aprendemos que a inclusão começa em nós — na maneira como olhamos, acolhemos e reconhecemos o outro. Reafirmamos, portanto, que experiências como esta são fundamentais para o fortalecimento de uma educação inclusiva, crítica e humanizada, em que o diálogo, o afeto e a corresponsabilidade são os pilares do processo formativo. Que o exemplo do projeto “A Maneira de Ser do CER” possa inspirar outros profissionais e instituições a criarem espaços de escuta sensível, onde o cuidado e o aprendizado caminhem lado a lado, na direção de uma sociedade mais justa, empática e verdadeiramente inclusiva.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L.; SOUZA, M. C. O acolhimento como prática humanizadora na educação especial. *Revista Educação e Diversidade*, v. 7, n. 2, p. 112–126, 2019.
- CECÍLIO, L. C. O. **As necessidades de saúde como conceito estruturante na luta pela integralidade e equidade na atenção em saúde.** *Saúde e Sociedade*, v. 26, n. 2, p. 456–469, 2017.
- COSTA, M. Educação e sensibilidade: o afeto como dimensão formadora. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, p. 97–109, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
- SILVA, J. F.; RIBEIRO, R. C. Família e escola no processo de inclusão: desafios e possibilidades. *Cadernos de Educação Especial*, v. 28, n. 61, p. 33–49, 2020.
- SOUZA, L. P.; FONSECA, R. M. Parceria entre escola e família na educação inclusiva: práticas e desafios. *Revista Educação em Perspectiva*, v. 12, n. 1, p. 74–91, 2021.